



DEUS NO TELHADO E OS NOVOS ANJOS

FOTOGRAFIAS DE GIUSEPPE MORANDI

EM EXPOSIÇÃO DESDE

25 DE ABRIL

(VIVA!)

A 28 DE MAIO

(FORA!)

AQUI

NA CASA DA ACHADA





I. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Está concluído o tratamento da correspondência literária e pessoal de Mário Dionísio e de Maria Leticia (cerca de 4000 cartas, cartões, postais, telegramas) que foi inserida numa base de dados. Continuam a ser digitalizados os Recortes de Imprensa do Espólio Mário Dionísio – do Autor e sobre o Autor (RI-DA e RI-SA).

Estão a ser tratados os dossiers temáticos do Espólio Literário de Mário Dionísio: Dossier Associação Internacional de Críticos de Arte, Dossier Prémio Internacional de Literatura, Dossier Grande Prémio de Ensaio, Dossier Rencontres Internationales de Genève, Dossier Conselho Mundial para a Paz, Dossier Portinari.

Em breve, os originais de Mário Dionísio começarão a ser digitalizados.

2. EXPOSIÇÃO MÁRIO DIONÍSIO VIDA E OBRA

Composta agora por 13 painéis cronológicos e alguns documentos digitalizados, a Exposição começou a circular. Na Casa da Achada, onde esteve entre 25 de Abril e 25 de Setembro 11, tinha também fotografias, documentos, livros, desenhos e pinturas.

- Entre 13 e 27 de Outubro de 2011, esteve na Biblioteca da Escola Secundária de Camões, por altura do aniversário da Escola, que a enriqueceu com livros e documentos referentes a Mário Dionísio (que foi aluno e professor durante 20 anos do então denominado Liceu Camões) e Maria Leticia (também ex-aluna e ex-professora do Camões, donde foi expulsa por razões políticas em 1947).

Na inauguração da exposição, Diana e Pedro cantaram e leram textos de Mário Dionísio. A noite, nas caves, «Chão Verde», espectáculo de Inês Nogueira e Carlos Zíngaro com textos de M. D. E, dias depois, uma conferência de Rui Canário, aluno de M. D. no Liceu Camões, «Mário Dionísio, professor de artes e letras». A seguir, uma Mesa-Redonda, moderada por Sarah Adamapoulos, com ex-alunos (Mário de Carvalho, Miguel Lobo Antunes, Nuno Júdice, David Ferreira), e ex-professoras (Marina Pestana, Elia Pereira de Almeida, Cândida Rosa, Helena Sá), todos contemporâneos do pedagogo. A fechar, música e poesia com a participação dos Grupos de Teatro e Coral da Escola e o Coro da Achada.

- Entre 2 de Fevereiro e 15 de Março 2012, esteve na Biblioteca Municipal de Coimbra por iniciativa do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra e da Casa da Achada e com apoio do CEIS 20 da U. Coimbra e da Câmara Municipal. No dia de abertura, numa sessão que teve lugar na Casa da Cultura e que foi presidida por Rui Bebian, António Pedro Pita falou de Mário Dionísio, e Eduarda Dionísio da Casa da Achada. No dia 10 de Março, foram lidos por elementos do Coro da Achada textos autobiográficos de M. D., com projecções de imagens (Mário Dionísio contado por Mário



AS OBRAS DE SÃO CRISTÓVÃO

A um ritmo que nos deixa verdadeiramente estonteados, ora prosseguem, ora estancam, as obras na zona da Achada e arredores. Dado o tempo decorrido desde o tiro de partida (perdido algures entre as brumas da memória), vem à colação esse evento da História de Portugal que deu pelo nome de «obras de Santa Engrácia» - modelo, como toda a gente sabe, de cuidada planificação e de boa observância orçamental e de prazos de execução.

Aqui, em S. Cristóvão, o bulício é febricitante, e estica-se no espaço e no tempo ao sabor dos movimentos migratórios de operários e capatazes, turistas e mirones étnicos, gatos e urbanistas, pedras e pedrinhas que ora rumam a norte de calçadas & descalçadas ora deslizam para sul, como que ao capricho de tudo quanto é subempreiteiro, ou vereador, ou mesmo simples opinador de gabinetes esotéricos.

É gostoso de se ver, patinando nas lamas e saltaricando sobre charcos e crateras em dias chuvosos ou dissipado entre tempestades poirentas no tempo seco, o pagode da freguesia (nós incluídos) a participar em tão prodigiosa epopeia, que só merece relato circunstanciado à altura do «Memorial do Convento».

E poderíamos ficar por aqui não fosse imperioso exaltar a prodigiosa orquestração de zumbidos, estalidos, roncões e ratés emanados da numerosa cavalgada de robocats e buldózers que tanta animação conferem a toda a zona envolvente, qual autódromo das grandes competições motorizadas. Por oportuna iniciativa de Pedro Rodrigues, o nosso Coro da Achada já está ensaiando sob batuta de tão estimulante influência.

Concluindo, por ora: lá para meados do século, se não for antes, talvez nos voltemos a encontrar, trocando saborosas, e sempre positivas, impressões sobre o andamento das obras.

Haja Zeus!



Dionísio) e o Coro da Achada cantou canções, algumas com versos do poeta. Integradamente na Semana Cultural da Universidade, intitulada «Navegar é preciso, viver não é preciso», esta sessão chamou-se «Navegando à bolina pela vida e pela obra de Mário Dionísio».

- Entre 21 de Março e 10 de Abril, esteve na Escola Secundária José Gomes Ferreira. O Coro da Achada cantou no dia da abertura que coincidiu com o Dia da Poesia.

- Desde 13 de Abril, está na Biblioteca de Alhos Vedros, por iniciativa do CACAV (Círculo de Animação Cultural de Alhos Vedros), que organizou mais um «curso livre», desta vez dedicado a Mário Dionísio, com as seguintes sessões: MÁRIO DIONÍSIO PROFESSOR por Rui Canário (13 Abril), MÁRIO DIONÍSIO ESCRITOR por Maria Alzira Seixo (19 Abril), MÁRIO DIONÍSIO PINTOR por Rui-Mário Gonçalves (17 Maio), MÁRIO DIONÍSIO CIDADÃO INTERVENTOR por Eduarda Dionísio (24 Maio). A exposição seguirá em breve para a Casa Amadis, em Montpellier.

Há mais pedidos. As escolas, bibliotecas, associações interessadas em apresentar esta exposição poderão contactar a Casa da Achada.



3. EXPOSIÇÃO «SONHAR COM AS MÃOS – o desenho na obra de Mário Dionísio»

Esteve patente na Casa da Achada de 29 de Setembro de 2011 até 20 de Abril de 2012. É constituída por 90 desenhos do pintor, seleccionados entre o acervo conservado na Casa da Achada e restaurados para a exposição, com apoio do Montepio, e 3 retratos do artista desenhados por outros pintores (Tereza Arriaga, João Abel Manta, Pomar). Foi curadora desta exposição Paula Ribeiro Lobo da Universidade Nova de Lisboa, que também escreveu o texto principal do livro-catálogo, uma folha de sala explicativa (que esteve à disposição dos visitantes em português, francês e inglês), guiou três visitas à exposição (duas outras foram orientadas por Rui-Mário Gonçalves e Eduarda Dionísio), fez uma palestra intitulada «Mário Dionísio e o desenho» e organizou a sessão «Pelas entrelinhas: o desenho em Mário Dionísio e seus contemporâneos» (ver «Mário Dionísio escritor e outras coisas mais»).

A exposição contou com cerca de 500 visitantes, sem contar com os que se deslocaram à Casa da Achada no dia da abertura (e foram muitos) e para as várias sessões que nela se foram realizando.

É possível que esta exposição seja repetida no Porto, por iniciativa da Cooperativa Gesto.

4. CORO DA ACHADA

Continuaram os ensaios à quarta-feira à noite do Coro da Achada, formado em Junho de 2009, dois meses antes da abertura ao público da Casa da Achada e composto por mais de 50 pessoas de todas as idades.

Depois da publicação da Ficha 3, o Coro da Achada teve as seguintes actuações públicas: na Casa da Achada, no dia do seu segundo aniversário em que se inaugurou a exposição (29 Set. 11); no Cineteatro Grandolense (Grândola), no lançamento do catálogo da exposição «Esta canção que apeteço, obra discográfica de José Afonso 1953/1985», a convite da AJA (15 Out. 11); no encerramento da exposição «Mário Dionísio - Retrato a várias vozes» na Escola Secundária Camões (Lisboa), com o Grupo de Teatro e Grupo Coral da Escola e com João Caldas e Mariana Nunes que tocaram e cantaram poemas de Mário Dionísio musicados por João Caldas (24 Out. 11); nas Tocatinas do Bartô (Chapitô), a convite da Zona Franca (4 Nov. 11); pelas ruas de Lisboa (Amoreiras, Rato, Largo do Cauteleiro, Largo Camões, Largo do Chiado, Rossio, Rua Augusta e do Rossio até São Bento, juntando-se às manifestações (24 Nov. 11, greve geral); no Moinho da Maré (Cais do Descarregador, Alhos Vedros), no espectáculo «Dedicatória a Mário Dionísio», depois da leitura «Mário Dionísio contado por Mário Dionísio» feita por cerca de 20 elementos do Coro, a convite do CACAV (3 Dez. 11); no fim-de-semana diferente da Casa da Achada (17 Dez. 11); na exposição «A Voz das Vítimas» na Antiga Cadeia do Aljube (Lisboa), a convite da organização da exposição (22 Dez. 11); pelas ruas do bairro (São Cristóvão e São Lourenço, Santa Justa), cantando as Janeiras com o seu repertório (4 Jan. 12); na Academia de Santo Amaro (Lisboa) no espectáculo «Zeca - 25 anos depois», com muitos outros participantes, a convite da AJA (23 de Fev. 12); na Biblioteca Municipal de Coimbra, na sessão «Navegando à bolina pela vida e pela obra de Mário Dionísio», durante a Exposição «Mário Dionísio - Vida e Obra» (10 Mar. 12); na Livraria Sá da Costa (Lisboa) numa sessão sobre a Casa da Achada e Mário Dionísio (17 Mar. 12); na Escola Secundária José Gomes Ferreira (Lisboa) na inauguração da exposição «Mário Dionísio - Vida e Obra» (21 Mar. 12); em Pontirolo (Cremona, Itália) durante Festa da Lega di Cultura di Piadena que comemorou os 50 anos do Nuovo Canzoniere Italiano, com diversos outros coros de vários países (23 a 25 Mar. 12); na homenagem a Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira (Jardim de S. Pedro de Alcântara), integrada no Festival Cravos de Abril, a convite da comissão organizadora (21 Abr. 12).

O Coro da Achada cantou e gravou o «Hino de Caxias» (música de fundo da exposição «A Voz das Vítimas na Antiga Cadeia do Aljube» (14 Abr. a 31 Dez. 11), por proposta da organização da exposição; e por proposta do projecto basco Identibuzz, participou na banda sonora do vídeo «Zumbidos da



Ali cabe o mundo inteiro Festa da Lega di Cultura di Piadena, Março de 2012

Há uma casa numa pequena localidade italiana onde cabe o mundo inteiro. Não é que a casa seja muito grande: o que é transbordante é a generosidade, a abertura e a solidariedade do Micio (Gianfranco Azzali). Cabe sempre mais um amigo nesta casa, a sede da Lega di Cultura di Piadena, associação cultural com uns belos 35 anos de idade e um percurso raro de intervenção social, cultural e política. Ali cabe sempre mais um amigo. Ainda mais quando é dia de festa. E era.

Deslocaram-se 18 pessoas de Lisboa, da Casa da Achada, incluindo uma parte do coro da Achada. Começamos por ajudar a montar o espaço (o pátio da casa, o pequeno bosque à volta). Põem-se as mesas corridas, varre-se o chão, chegam as comidas. Atenção, que há quem cozinhe muito bem (as matérias-primas não se encontram em qualquer lugar, são pro-



ductos da região e especialidades trazidas por quem vem), come-se o queijo e bebe-se o vinho, palavra puxa palavra, e já está tudo a conversar. O que se passa em Itália? O que se pensa no mundo? E encontram-se amigos conhecidos e desconhecidos, incluindo muitos grupos musicais e coros, gente de Roma, Sevilha, Marselha, Lisboa, Paris, Milão, Bolonha, Berlim, da Bretanha, dos EUA, do Norte de África, ou ali mesmo daquela pequena Piadena, aldeia a 120 km de Milão, no Norte de Itália e no Sul da Lombardia, onde há gente que canta como ninguém canta.

Este ano comemoravam-se os 50 anos do Nuovo Canzoniere Italiano, e a Lega di Cultura decidiu assinalar na Festa este aniversário, propondo um grande espectáculo no Teatro de Casalmaggiore

(com Kati Mattea, Silvia Malagugini, Giovanna Marini, Sara Modigliani, Quartetto Urbano di Xavier Rebut, Fausto Amodei, Rudi Assuntino, Gualtiero Bertelli, Paolo Ciarchi, Claudio Cormio, Alessio Lega, I Giorni Cantati Calvatone-Piadena, Roberto Seniga, Lardo Taraschi), o lançamento de edições relacionadas com a história do grupo e um colóquio sobre este «movimento» cultural de grande repercussão em Itália (com a presença de alguns dos que pertenceram ao grupo, incluindo Tullio Savi, Giovanna Marini, Fausto Amodei ou Alessandro Portelli).

O «Nuovo Canzoniere Italiano» (Novo Canzoniere Italiano) começou em 1962 como uma revista de um grupo de investigadores, historiadores, musicólogos e cantores. Esta revista dará origem a um grupo musical com o mesmo nome, que causará escândalo em 1964 com a apresentação do espectáculo *Bella Ciao* (nome de uma famosa canção da resistência antifascista italiana), onde irromperam cantos italianos pouco conhecidos através dos quais se contavam «outras histórias» de Itália, bem longe do consenso e da história dominantes. Este *Bella Ciao* provocou reacções violentas da imprensa mais conservadora e da direita mais cabotina (que acusou uma canção antimilitarista italiana - *Gorizia* - de vilipendiar as forças armadas italianas).

O Nuovo Canzoniere Italiano propunha, nas suas publicações, actividades públicas e espectáculos, fazer uma verdadeira «história a contrapelo», reactivando a força do canto popular e da canção política a partir de uma pesquisa profunda sobre a cultura popular italiana e as práticas de resistência social e política em grande parte ignoradas pela história oficial. Este grupo não foi importante apenas para a história da música de protesto, mas lançou também perspectivas novas para a investigação histórica, a antropologia e a etnomusicologia (a ideia de que havia uma «história oral» a fazer, por exemplo), ou mesmo para o teatro. Em 1966 Dario Fo dirige um segundo espectáculo (*Ci ragiono e canto*, ou seja, «penso e canto»). O grupo continuará a sua actividade nas décadas seguintes através de grupos →

Mouraria» (Out.-Nov. 11), apresentado aos participantes e à população pela primeira vez na Casa da Achada (com outro vídeo realizado dentro do mesmo projecto, que compara o bairro da Mouraria ao bairro S. Francisco de Bilbao) e que voltámos a passar no dia 22 de Abril. Também participou no vídeo «Entre sons, palavras e cores», sobre Mário Dionísio e a Casa da Achada, realizado por André Spencer.

5. BIBLIOTECA PÚBLICA

Graças ao Programa BIP-ZIP da vereação da habitação da CML, a que a Junta de Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço concorreu, tendo obtido financiamento para actividades de duas associações do bairro (Grupo Gente Nova e Casa da Achada) foi possível contratar um funcionário por 6 meses, que terminou a catalogação da Biblioteca Pública.

No dia 10 de Fevereiro começaram os empréstimos domiciliários. A sessão de inauguração deste serviço, durante a qual também se fez um encontro entre Grupos de Leitores (ver Grupos de Leitores) contou com a presença do presidente da CML, da vereadora da Cultura, além de outros funcionários da CML, um representante da Junta de Freguesia, além de Luiz Rosas da associação Cardan de Amiens.

Estão agora à disposição de quem quiser, às horas de abertura da Casa da Achada, mais de 4000 livros em várias línguas, arrumados por secções, e exemplares de cerca de 100 publicações periódicas. Tudo ofertas à Casa da Achada. Para serem consultados na biblioteca ou levados para casa durante 15 dias, à excepção dos «reservados» e das publicações periódicas (ver Funcionamento da Biblioteca da Achada).



Na Mezanine I estão os livros de Literatura e sobre Literatura, na Mezanine 2 os de Arte, Cinema, Teatro, Arquitectura, História, Filosofia e outros; por baixo da Mezanine I, há o espaço para mais novos.

A consulta do catálogo ainda não está acessível na net (estará em breve), mas já pode ser feita intranet na Casa da Achada. Entretanto, tem havido novas arrumações: a Biblioteca tem agora continuação num armazém do nosso jardim, onde ficarão livros de menor consulta e os reservados.

Um grupo de colaboradores da Casa da Achada organizou um programa de passa-

Festa de Piadena 2012



→ que cruzavam práticas de recolha, pesquisa, edição, aprendizagem e intervenção política, como o Instituto Ernesto de Martino, a Lega di Cultura di Piadena ou o Circolo Gianni Bosio. Uma editora discográfica («I dischi del sole») ligada ao Nuovo Canzonere editou 276 discos (!) até 1980.

50 anos passaram. Mas não é tempo para nostalgias – a memória e a história deste grupo parece interessar-nos hoje por outras razões, não simplesmente comemorativas. Porquê?

1 – O canto popular e o «canto social» parecem continuar a ser necessários, sob novas formas, para unir a gente, reactivar combates emancipatórios, resistir, testemunhar e desafiar o «esquecimento organizado» dos poderes instalados.

2 - A pesquisa e a intervenção social, o trabalho de memória e a transformação do presente, são actividades que estão intimamente ligadas.

3 - Lembrar a experiência do «Nuovo Canzonere Italiano» é útil para quem procura hoje criar, transmitir e partilhar ferramentas necessárias para mudar a vida, a contracorrente.

4 - A organização e edição de sons e de palavras, de livros e discos, com lutas contadas e cantadas, e a sua difusão através dos novos meios hoje disponíveis, parece fundamental para deixar traços de um outro mundo possível, que é este mesmo mundo afinal, mas assente noutras bases.

5 - Finalmente, porque é preciso estar atento e escutar o presente, para compreender e agir sobre ele no sentido da libertação, da solidariedade e da igualdade. E a cultura é uma arma imprescindível: como diz a frase de Gianni Bosio que se pode ler ainda na parede da casa do Mício, em Pontirolo: «Todos os homens devem tornar-se homens de cultura, sem perder a sua qualidade de homens.»

A festa anual da Lega di Cultura di Piadena é um desses lugares onde fervilham ideias e práticas de uma sociedade diferente. Ali cabe o mundo inteiro. E ali encontramos, entre um copo de vinho e uma canção, as amigas e os amigos desconhecidos que não sabíamos que tínhamos. **P. R.**



gens e paragens pelas ruas do bairro – cafés, tascas, restaurantes, locais de convívio e de espera – com textos escolhidos para ler a quem está, divulgando assim a Biblioteca. Prospectos com pequenos textos estão a ser distribuídos pelas caixas de correio dos habitantes da zona. Passaremos em breve à catalogação dos audiovisuais, se o apoio BIP-ZIP para 2012 se concretizar.

6. GRUPOS DE LEITURA

No dia da inauguração do serviço de empréstimos da Biblioteca, encontraram-se os três Grupos de Leitura que têm funcionado nas redondezas: no Recolhimento de S. Cristóvão, no Centro Polivalente de S. Cristóvão e no Centro Social da Sé. E vieram também crianças do 1.º ano da Escola do Castelo, com a sua professora Ariana, dizer novamente o poema de Manuel da Fonseca «Mataram a Tuna» (tão bem!), que já tinham dito na sessão sobre Manuel da Fonseca.

Saiu a brochura «Ler devagar» com textos escritos por Filomena Marona Beja e por Jacinto Lucas Pires e ilustrados por Pierre Pratt e Bárbara Assis Pacheco e ainda uma banda desenhada de Miguel Castro Caldas e José Smith Vargas.

Têm continuado os encontros, agora quinzenais e na Casa da Achada, à volta de leituras e de livros, sempre com a presença dum escritor que vai fazendo leituras em voz alta – Filomena Marona Beja, Jacinto Lucas Pires, Miguel Castro Caldas. Uns encontros mais frequentados e outros menos...



7. LEITURA FURIOSA

Nos dias 11, 12 e 13 de Maio realizar-se-á a 9.ª edição anual da Leitura Furiosa em Lisboa. É a 4.ª vez que a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio a organiza. Ao mesmo tempo que acontece em Amiens (França) – na Associação Cardan que a imaginou e coordena –, no Porto (Serralves) e este ano, pela primeira vez, em Beja (Biblioteca Municipal).

Trata-se dum encontro anual de escritores com «zangados com a leitura» (frequentadores de Centros Sociais e de Dia, e de outros lugares, alunos de escolas públicas), numa sexta-feira, que dão origem a textos que os escritores escrevem imediatamente após o encontro, que lêem no sábado ao grupo, que são ilustrados à vista de todos por desenhadores, e lidos, no domingo, em voz alta, por actores – e alguns musicados e cantados – numa sessão pública, de entrada livre. Todos os textos e ilustrações são mandados de um lugar para os outros lugares, e, se necessário, traduzidos para francês ou português. No domingo, saem em França no suplemento dum diário. Em Lisboa, fazem-se brochuras que são distribuídas na sessão pública.

8. CICLO PALETA E O MUNDO III

Terminada a leitura integral de **A PALETA E O MUNDO**, feita durante dois anos, todas as segundas-feiras ao fim da tarde, começaram no mesmo horário outras leituras, também com projecção de imagens ou audição de música. Trata-se agora de textos referidos na obra de Mário Dionísio ou com ela relacionados.

Este III Ciclo começou pela leitura de **O ELOGIO DA MÃO** de Henri Focillon. Leu Eduarda Dionísio. E continuou-se com **A VIDA DAS FORMAS** do mesmo autor. Leram Pedro Rodrigues, Inês Dourado, José Smith Vargas, Miguel Castro Caldas e Manuela Torres.

Seguiram-se sete sessões de leitura de **CONFLITO E UNIDADE DA ARTE CONTEMPORÂNEA**, conferência feita por Mário Dionísio, em 1957, durante a publicação de **A PALETA E O MUNDO**, integrada na I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian na SNBA, quando ainda não tinha sede. Leu Eduarda Dionísio.

José Smith Vargas escolheu e leu textos de **Bento de Jesus Caraça: A ARTE E A CULTURA POPULAR** e **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ARTE**.

Em Março e Abril, Pedro Rodrigues leu textos que escolheu de **INTRODUÇÃO À MÚSICA MODERNA** de Fernando Lopes Graça, acompanhados pela audição de trechos musicais dos autores referidos na obra. Continuaremos este Ciclo até haver ideias e quem sintam a necessidade de compreender as artes e o mundo em que vivemos. Coisas antigas e modernas.

9. CICLOS DE CINEMA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

O cinema voltou para dentro de casa em Outubro. Foram três meses de um novo ciclo denominado **ESTRELAS DE HOLLYWOOD**. Projectaram-se filmes que marcaram épocas, que já não se vêem há muito tempo e quase desapareceram do mercado: **Crepúsculo dos deuses** de Billy Wilder, com Gloria Swanson, William Holden e Erich von Stroheim; **A imperatriz vermelha** de Josef von Sternberg com Marlene Dietrich; **Ninotchka** de Ernst Lubitsch, com Greta Garbo; **O feiticeiro de Oz** de Victor Fleming, com Judy Garland; **Gilda** de Charles Vidor, com Rita Hayworth e Glenn Ford; **A rainha Africana** de John Huston, com Humphrey Bogart e Katharine Hepburn; **O homem tranquilo** de John Ford, com John Wayne e Maureen O'Hara; **O comboio apitou três vezes** de Fred Zinnemann, com Gary Cooper e Grace Kelly; **A condessa descalça** de Joseph L. Mankiewicz com Humphrey Bogart e Ava Gardner; **O homem do braço de ouro** de Otto Preminger, com Frank Sinatra e Kim Novak; **Os inadaptados** de John Huston, com Clark Gable e Marilyn Monroe; **Que teria acontecido a Baby Jane** de Robert Aldrich com Bette Davis e Joan Crawford; **Reflexos num olho dourado**, de John Huston, com Marlon Brando e Elizabeth Taylor.

Houve pequenas exposições documentais, preparadas por Henrique Espírito Santo. Os filmes foram apresentados por: Vitor Silva Tavares, Henrique Espírito Santo, António Rodrigues, Miguel Castro Caldas, Gabriel Bonito, João Pedro Bénard, João Rodrigues,

EDIÇÕES: LIVROS



SONHAR COM AS MÃOS – O DESENHO NA OBRA DE MÁRIO DIONÍSIO

Livro-catálogo da exposição. 84 pp.
Com texto introdutório de Paula Ribeiro Lobo.
Col. Mário Dionísio n.º 5

PVP - 18 € Amigos da Casa da Achada - 13 €

JÁ PUBLICADOS:

MÁRIO DIONÍSIO – ENTRE PALAVRAS E CORES – alguns dispersos (1937-1990)

54 textos de Mário Dionísio. 372 pp.
Seleção e organização: Clara Boléo, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, Jorge Silva Melo, Maria das Graças Moreira de Sá, Pedro Rodrigues, Regina Guimarães.
Coordenação: Cristina Almeida Ribeiro.
Col. Mário Dionísio 1
Edição em parceria com Livros Cotovia
Apoio: Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas

PVP - 18 € Aqui - 14 €

RUI-MÁRIO GONÇALVES – MÁRIO DIONÍSIO PINTOR

Álbum. 64 pp.
Texto de Rui-Mário Gonçalves ilustrado, 30 reproduções de quadros de Mário Dionísio de tamanho de página, cronologia ilustrada.
Col. Mário Dionísio 2

PVP - 14 € Aqui - 10 €

MÁRIO DIONÍSIO – ENTREVISTAS (1945-1991)

Entrevistas a Mário Dionísio e de Mário Dionísio. 350 pp.
Seleção e organização: Clara Boléo, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, Pedro Rodrigues, Regina Guimarães.
Coordenação: Cristina Almeida Ribeiro.
Col. Mário Dionísio 3

PVP - 18 € Aqui - 16 €
Amigos da Casa da Achada - 14 €

MÁRIO DIONÍSIO – VIDA E OBRA

Livro-catálogo da exposição. 112 pp.
Com textos de: Isabel da Nóbrega, Jorge Silva Melo, João Madeira, Luís Trindade, António Pedro Pita, Rui Canário, Maria Alzira Seixo, Rocha de Sousa, Regina Guimarães, Cristina Almeida Ribeiro, Nuno Júdice, Saguenaíl, Manuel Gusmão, Eugénia Leal.
Col. Mário Dionísio 4

PVP - 20 € Amigos da Casa da Achada - 15 €

FRANCISCO CASTRO RODRIGUES – UM CESTO DE CEREJAS – conversas, memórias, uma vida

Organização, introdução e notas de Eduarda Dionísio.
Volume cartonado. 200 imagens. 480 pp.
Apoio: Ass. Promotora do Museu do Neo-Realismo

PVP - 22 € Aqui - 18 €

SERIGRAFIAS



5 serigrafias a partir de desenhos de M. D. numa tiragem de 80 exemplares, em co-edição com a Gesto-Cooperativa Cultural.
Preço de cada: 50€; Preço do conjunto: 200€

CD do CORO DA ACHADA



Primeiro CD do Coro da Achada: algumas canções do repertório, algumas letras, alguns textos, com capa especial, de fabrico caseiro.

Preço: 5€

João Paulo Boléo, Amarante Abramovici, Jorge Silva Melo.

E os ciclos continuaram com **RIR UMA VEZ POR SEMANA**. Pelo menos rir, quando andamos na mó de baixo – desde o mês de Janeiro à primeira segunda-feira de Abril.

Projectámos os seguintes filmes, que fizeram rir, uns mais e outros menos: **A quimera do ouro** de Chaplin, **Boudu querido** de Jean Renoir, **Polícias e ladrões** (com Totó) de Monicelli e Steno, **O Meu Tio** de Jacques Tati, **O ABC do amor** de Woody Allen, **E não se pode exterminá-lo?** de Solveig Nordlund e Jorge Silva Melo, **A missa acabou** de Nani Moretti, **O Homem da Manivela** (com Buster Keaton) de Edward Sedgwick, **Os Gangsters falhados** de Mario Monicelli, **O Mundo é um manicómio** de Frank Capra, **O quinteto era de cordas** de Alexander Mackendric, **As Noites Loucas do Dr. Jekyll** de Jerry Lewis, **Os grandes aldrabões** (com os Irmãos Marx) de Leo McCarey. Os filmes foram apresentados por Vitor Silva Tavares, Eduarda Dionísio, Sónia Gabriel, João Rodrigues, Youri Paiva, Jacinto Lucas Pires, Pedro Rodrigues, António Rodrigues, João Pedro Bénard, Gabriel Bonito.



E, acabado o riso, virámo-nos para a política donde nos queremos tirar. **POLÍTICA UMA VEZ POR SEMANA** chama-se o ciclo que se iniciou em Abril e vai até fim de Junho.

Até agora projectámos **A tomada de poder por Luís XIV** de Rossellini (apresentado por Maria Emília Diniz), **Reds** de Warren Beatty (apresentado por João Rodrigues), **La Cosa** de Nanni Moretti (apresentado e debatido por Gianfranco Azzali, Giuseppe Morandi e Peter Kammerer).

Serão projectados ainda **Torre Bela** de Thomas Harlen e **Nós operárias da Sogantal** de Nadejda Tilhou, dois documentários sobre o 25 de Abril que Sérgio Tréfaut, autor de *Outro País*, apresentará; **Até breve, espero** de Chris Marker e **Um filme como os outros** de Jean-Luc Godard, que andam à volta do Maio de 68; **Lip – a imaginação no poder** de Christian Roudaud sobre lutas posteriores que com ele se prendem; **A linha geral** de Eisenstein; **Stavisky, o grande jogador** de Alain Resnais, **Um dia inesquecível** de Ettore Scola; **Esta terra é minha** de Renoir, **Um rei em Nova Iorque** de

DEUS NO TELHADO E OS NOVOS ANJOS

AS FOTOGRAFIAS DE GIUSEPPE MORANDI

A exposição de Giuseppe Morandi e da Lega di Cultura di Piadena propõe duas abordagens: uma, visível, feita de rostos e corpos humanos, a outra, invisível, constituída por excertos de jornais e de publicações da Lega di Cultura. Um murmúrio trágico, não um grito, quase abafado, que acompanha em profundidade o percurso das imagens.

Tal como na famosa canção dos *partisans*, alguém acorda de manhã e vê. Neste caso, não vê o invasor, mas um deus no telhado. Ele desce ao pátio e dá a boa nova. As fotografias de 1985 mostram Emilio Bosio, pedreiro, incarnação de uma beleza antiga, semelhante às obras-primas da arte italiana. A seu lado, Antonio, deus negro vindo do Níger. Morandi viu-o passar de bicicleta, com aquele estranho chapéu na cabeça. Aproveitou esse instante, pediu-lhe autorização para o fotografar e travou conhecimento com ele. Não se rouba a fotografia a alguém.

Mas as pessoas de cor que hoje desembarcam em Itália não são politicamente correctas: querem apenas fugir da miséria e da fome, não têm alternativa e, de qualquer forma, são muito numerosas. Os naufragos tornam-se anjos engolidos pelas ondas, que nunca porão os pés em terra.

Já em 1962 Pasolini escrevia: «Temos que aceitar a ideia de milhares de crianças negras e mulatas. Crianças de olhos negros e cabelo crespo. Outras vozes, outros olhares, outras dan-

ças, tudo isso deverá tornar-se familiar e engrandecerá a terra!» Cinquenta anos mais tarde, estamos apenas no começo. O jornal e uma tarjeta recordam-nos a tragédia ocorrida na costa meridional e o abismo que nos separa deles. Mas o mundo muda, os nomes perdem o seu privilégio cristão, surgem novas sinergias e novos problemas. A palavra de ordem «integração» claudica. Os «compatriotas» estavam integrados? Não somos todos nós «corpos estranhos» numa sociedade conformista, mas rica em diferenças? Não constituem as culturas singulares o antídoto mais forte à uniformização conformista?

A história é violenta e as suas vítimas são sobretudo os imigrantes. Colocá-los a eles e a nós frente a frente é o grande mérito desta exposição, que conta a grande riqueza dos seres humanos. Hoje, em Piadena, a mais pequena comuna do vale do Pó é o mundo inteiro que passa diante da casa. Basta saber olhar. Basta libertar o olhar do medo.

Peter Kammerer

[Textos integrais podem ser lidos no Catálogo da Exposição]



O QUE É A LEGA DI CULTURA DI PIADENA

A Lega di Cultura di Piadena é uma associação, fundada em 1967, no norte da Itália, por camponeses e operários de aldeias próximas de Piadena: Eugenia Arnoldi, Gianfranco Azzali, Pierino Azzali, Mauro Barbiani, Eugenio Camerlenghi, Gioietta Dallo, Giuseppe Morandi, Bianca Ruffini, Giuliano Seniga, Valerio Seniga, Enrico Tavoni. Financia-se a si própria e sempre teve a sua sede na casa da família Azzali, na aldeia de Pontirolo di Drizzona.

À porta, escrita numa parede, uma frase de Keynes: «Destruímos a beleza da paisagem porque o esplendor da natureza, livremente disponível, não tem nenhum valor económico. Seremos capazes de acabar com o sol e as estrelas porque não pagam dividendos.»

Nos Estatutos, de 1977, reivindica a herança das ligas de resistência camponesa nascidas nos finais do século XIX, independentes de partidos e sindicatos.

A Lega tem dois objectivos principais: pesquisar, recolher, elaborar e discutir os materiais culturais das classes trabalhadoras e fazer a sua difusão, através de publicações, encontros, debates e outras formas de comunicação; intervir sobre a condição local das classes trabalhadoras, não só com documentos, mas através da discussão e de propostas que transformem a condição operária e camponesa, também em colaboração com outras organizações democráticas.

GIUSEPPE MORANDI

De origem camponesa, nascido em 1937, em Piadena, uma aldeia da Planície do Pó, perto de Cremona, Giuseppe Morandi, sem nunca ter deixado de ser dactilógrafo na Câmara de Piadena até se reformar, começou, em meados dos anos 50, a filmar e a fotografar aquilo que conhecia bem: a vida dura do campo e os camponeses que aí viviam. Tratava-se de lhes restituir uma dignidade perdida. Vieram mais tarde as fotografias de imigrantes que, em tempos de decadência da agricultura, os substituíam. Também escreveu novelas no dialecto da sua terra. E fundou, em 1967, com vários companheiros, a Lega di Cultura di Piadena.

O corpo é uma coisa fascinante. A mim não me interessam os tijolos nem as pedras, a mim interessam-me as pessoas, e o seu viver, como são feitas, que caras têm, que braços têm, que pés têm. Como se representam, como agem.

É um mistério o corpo, qualquer coisa que deve ser escondida. Como esconderam os nus de Miguel Angelo na Capela Sixtina. E depois aqueles corpos proletários são os mais corrosivos, os mais provocantes. São os que agridem mais, onde o mistério é mais forte. Pasolini tinha razão. O mistério está no imprevisível, em não poder imaginar-se como aquele corpo é usado, como é amado, como pode amar. G. M.

Em 1956 faz a sua primeira curta metragem, *IL PASTURIN*. Seguem-se outros documentários. Entre eles: *MORIRE D'ESTATE* (Morrer no Verão) sobre um rapaz afogado no rio, *CAVALLO CIAO* (Adeus Cavalo), sobre como se mata um cavalo, *EL CALDERON*, sobre uma grande casa rural abandonada. O último, de 2008, *IL COLORE DELLA BASSA*, sobre a nova realidade do trabalho na planície do Pó.

Mas Giuseppe Morandi é mais conhecido pelas suas fotografias, publicadas em vários livros-catálogos. Morandi fotografou sempre nos mesmos lugares e muitas vezes as mesmas pessoas. A sua obra, de grande rigor estético, é também um testemunho das transformações sociais ocorridas nos últimos cinquenta anos em Itália, nomeadamente na planície do Pó.

Não é a primeira vez que é possível ver fotografias de Giuseppe Morandi em Lisboa. Em 1996, a Associação Abril em Maio organizou duas exposições simultâneas: «Quem trabalha a terra na Baixa Padana», na Galeria da Mitra da CML, e «Ventunesima Estate» na Galeria Zé dos Bois. Ambas circularam durante um ano por várias terras de Portugal, incluindo os Açores. Mais tarde, a exposição «La mia Africa» esteve patente na Associação Abril em Maio, em Lisboa, e também na ACERT, em Tondela.



São quase sempre fotografias descontextualizadas, todas elas tiradas de improviso, instantâneos. A entrevista e a restituição dessa experiência não pretendem explicar nada da pretensa condição juvenil, não querem correr o risco do estereótipo, dão apenas e brutalmente (para alguns) uma visibilidade. Em seguida, no final do século, a série – abrindo-se em inúmeros aspectos a essas imagens dos Novos Anjos – sobre o rosto do país no fim do milénio: a minha África.

O torso nu de Antonio vindo do Níger, isolado num espaço interior, é tão loquaz como o seu retrato de sorriso luminoso e olhar irónico, sob o seu chapéu tipicamente africano. Nas fotografias de Giuseppe Morandi é sempre difícil identificar a encenação: o fotógrafo não dispõe, coloca-se antes à disposição da narrativa, e o controlo da situação e o cenário são arriscados dos dois lados da objectiva. É o que sucede com a equipa indiana de cricket (tudo está contido neste oximoro), onde a arquitectura dos grupos, inspirada nos longínquos cânones da fotografia oficial de campeonato, tenta em vão (felizmente) pôr uma ordem e uma hierarquia na multidão de corpos e de rostos, de vestuário, que se estendem pelos quatro cantos do planeta: esse desporto tipicamente inglês, esses rostos tipicamente indianos com acessórios e camisolas tipicamente americanas, num recanto típico da Itália do norte, choupos e espaços públicos desertos, menos para esses novos habitantes. Ainda mais evidente, o jogo da narrativa estereotipada e dúbia entre homens e mulheres, a meio caminho entre mostrar-se e esconder-se, revelado pela arte cúmplice do fotógrafo.

Compreendemos pouco a pouco todas as histórias que essas imagens contam, em tomadas de vista em que não há encenação, em que nada ou quase nada acontece: uma narrativa feita de pausas, de encontros de amigos, às vezes de segmentos de histórias anteriores, nos grupos: a fotografia de Idangela Molinari, o militante Angelo Ronda com o filho, Maicol e os jovens que trabalham com Peto, Fontanella, o Micio. Em Piadena adoptam-se crianças vindas de longe, como David Keefe. Vê-se um jovem a pintar (já pintava o rio Maine, onde pescava com o pai, nas margens angustiantes onde montes de peixes mortos flutuavam à tona d'água), e que foi oficial dos *marines* no Iraque. O facto de o saber dá uma dimensão diferente a esta história de anjos. As crónicas, os discursos políticos (que se podem ler nos jornais e nas publicações da Lega di Cultura) sempre perspicazes, contarão como estes novos anjos, de bicicleta, quicá perdidos num cruzamento, adormecidos nos bancos do Listone, ou encostados a uma parede, não constituem uma fábula com um final sempre feliz, mas um futuro – que lhes devemos – de que tantas vezes são vítimas.

Paolo Barbaro



Chaplin, **América – relação de classes** de Jean-Marie Straub.

Depois, voltaremos ao ar livre, enquanto o espaço em frente não for ocupado por uma construção, talvez com filmes musicais. Ainda a ver.

10. OFICINAS AOS DOMINGOS

Continuámos a fazer oficinas, para pequenos e grandes, famílias ou não famílias, quando as obrigações não são muitas, ou se calhar são ainda maiores.

Em Outubro, veio Miguel Horta para uma oficina que se chamou **ÇAÇATEXTURAS NA ACHADA** e depois foi **FAZER UM LIVRO**, com textos e imagens; paginou-se, fez-se uma capa, encadernou-se, com os saberes diversos de Vitor Silva Tavares (paginação sem computador), Pedro Serpa (paginação em computador), Marta Caldas (capa) e Sónia Gabriel (encadernação).



Em Novembro, **OFICINA DE DESENHO A PARTIR DA EXPOSIÇÃO SONHAR COM AS MÃOS**, para todos a partir dos 6 anos, orientada por Carla Mota e Emanuel Faustino.

Esta oficina deveria ter tido continuação em Fevereiro, com utilização de outros materiais, técnicas mistas, mas só se realizou a primeira sessão (com Emanuel Faustino que substituiu a orientadora). As restantes não aconteceram, por impossibilidade imprevista de quem a iria orientar.

Em Dezembro, como todos os anos, com o Natal à porta, **PRENDAS SOU EU QUE AS FAÇO** – 3 sessões para todas as idades: pintar azulejos, pintar sacos e papéis com Eduarda Dionísio, e de sacos de plástico fazer tapetes com Regina Guimarães.

Em Janeiro, oficinas de **TEATRO COMUNITÁRIO** orientadas por Rita VVengorovius e elementos do Teatro Umano.

Em Março, **OFICINA DE STOP MOTION**, para maiores de 6 anos, orientada por Emanuel Faustino e Youri Paiva. Tratou-se de fazer filmes com fotografias – a técnica da animação. Na 1.ª sessão, montou-se uma visita de comboio, com várias peripécias, à exposição «Sonhar com as mãos»; na 2.ª sessão, deu-se vida aos livros e a objectos da

OBRAS À VENDA PARA APOIOS INDISPENSÁVEIS



Alice Geirinhas



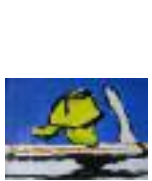
Ângelo de Sousa



André Alves



Armando Alves



Henrique Ruivo



Emerenciano

Inúmeros artistas corresponderam ao apelo que fizemos no início da nossa actividade para angariação de fundos tornados indispensáveis sobretudo por sermos uma associação que não perseguindo fins lucrativos deve a sua manutenção aos apoios de amigos e de algumas (poucas) entidades e instituições. As obras então oferecidas para venda foram objecto de dois leilões cujo êxito nos permitiu alguma respiração. Atendendo a que nem todas as obras foram então vendidas, é chegado o momento de propor a sua aquisição, sendo de realçar a elevada qualidade plástica das mesmas e os preços inferiores à da sua cotação de mercado.

Esperamos que seja extensível aos nossos fundadores, amigos e colaboradores a consciência das dificuldades que atravessamos – e que são ultrapassáveis pela cooperação de todos, os que podem e os que conhecem quem possa.



Guilherme Parente



Germano Santo



Pedro Chorão



Manuela Bacelar



Rui Paiva



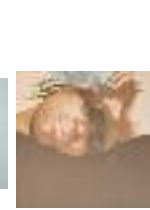
Manuel Baptista



Frederico Mira



Bárbara Assis Pacheco



José Paiva

À atenção dos interessados: as características técnicas destas obras (dimensões, materiais, datas de execução) bem como os respectivos preços podem ser consultados na nossa sede.

Biblioteca da Achada; na 3.ª sessão, fez-se mais um pequeno filme e viu-se o que correu bem e o que correu mal.

Em Abril, **QUEM TEM DUAS MÃOS TEM TUDO** – verso do poema de Regina Guimarães a que chamamos «Mãos» e que o Coro da Achada musicou. Três oficinas de fabricos vários, também para maiores de 6 anos: Irene van Es pôs os (poucos) participantes a construir objectos com **missangas** (brincos, colares e outras coisas que apeteceu fazer), a seguir Pierre Pratt iniciou na **ilustração** quem apareceu.

No domingo 29, João Rodrigues andarà com quem estiver à volta de **berimbau** – o seu som, a sua construção... e por aí fora.

11. MÁRIO DIONÍSIO UM ESCRITOR /ESCRITOR E OUTRAS COISAS MAIS

E, a partir de Setembro, gente mais nova começou a pegar em livros de poesia de Mário Dionísio. Depois da leitura a várias vozes de poemas do livro **POEMAS**, 1.º livro de poesia do Autor, editado em 1941 (alguns deles foram musicados por João Caldas e cantados por Mariana Nunes), em Outubro, Diana Dionísio apresentou o segundo livro, **SOLICITAÇÕES E EMBOSCADAS**, com imagens, leituras e canções; em Novembro, Anna Cortils tratou de **O RISO DISSONANTE** que também comparou a poemas de autores catalães. A série **Mário Dionísio, um escritor** terminou em Dezembro, com Morgane Masterman, autora de uma tese de mestrado em Nanterre sobre **LE FEU QUI DORT**, que desta vez falou de **MEMÓRIA DUM PINTOR DESCONHECIDO**. Rafael Martins leu poemas.

Estamos agora na série **Mário Dionísio, escritor e outras coisas mais**, que acontece uma vez por mês, ao sábado.

Em Janeiro, **Mário Dionísio contado por Mário Dionísio**, uma leitura a várias vozes (todas do Coro da Achada), de textos autobiográficos de Mário Dionísio (boa parte deles da sua **AUTOBIOGRAFIA** de 1987), com projecção de imagens. A mesma leitura que tinha sido feita em Alhos Vedros e que seria repetida em Coimbra.

Em Fevereiro, Paula Lobo falou de **Mário Dionísio e o desenho** e seguiu-se um animado debate. Em Março, ainda o desenho, numa sessão, no âmbito da exposição «Sonhar com as mãos». Na sessão **Pelas entrelinhas - O desenho em Mário Dionísio e nos seus contemporâneos**, Paula Lobo (que organizou a sessão) falou do **desenho na obra de Mário Dionísio**. David Santos, director do Museu do Neo-realismo, do **desenho neo-realista**, Bruno Marques, do **desenho surrealista**, Filomena Serra, do **desenho de Almada Negreiros** e Marina Bairrão Ruivo, directora do Museu Arpad-Szenes - Maria Helena Vieira da Silva, do **desenho de Vieira da Silva**. Com projecção de imagens e debate no fim.

Em Abril, as sessões foram em Alhos Vedros, integradas num curso livre de quatro sessões sobre Mário Dionísio, organizado pelo CACAV: Rui Canário falou de **Mário Dionísio Professor** e Maria Alzira Seixo de **Mário Dionísio Escritor**. Falarão ainda Rui Mário Gonçalves (de **Mário Dionísio Pintor**) e Eduarda Dionísio (de **Mário Dionísio Social e Político**). A partir de Maio, estas sessões serão repetidas, uma por mês, na Casa da Achada.

Quem é Maria Leticia?

Realizou-se no sábado 21 de Abril uma sessão sobre Maria Leticia Clemente da Silva (1915-2010), mulher de características invulgares, sem a qual não existiria a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio. Professora antifascista, foi a companheira de toda a vida de Mário Dionísio.



Para esta sessão se realizar ainda na vigência da exposição «Sonhar com as mãos – o desenho na obra de Mário Dionísio», que inclui 5 retratos de Maria Leticia desenhados por MD entre 1941 e



Maria Leticia com a professora de piano Oliva Guerra, 1925. Por cima: dedicatória da professora à sua «filhinha espiritual».

1948, o seu encerramento, previsto para o dia 20, foi adiado um dia. Quatro fundadoras da Casa da Achada, que a conheceram bem asseguraram as intervenções iniciais. Diana Dionísio tra-



M. L. com a mãe, s. d.; com o pai, 1922; em Messines, 1924.

çou-lhe resumidamente uma biografia, com a ajuda de imagens projectadas; Maria Helena Carvalho e Maria Emília Diniz, amigas e colegas de muitos anos, abordaram o seu trabalho de professora, a sua participação na Comissão para a Reforma Educativa depois do 25 de Abril (1974-1975) e também a colaboração (com Maria Emília Diniz) no jornal *A Capital*, no Consultório Escolar (1968-69), assinada com o pseudónimo Diniz da Silva; Natércia Coimbra falou do trabalho de inventariação do Espólio Literário de Mário Dionísio que realizou, em 1994-1996, com a importante ajuda de Maria Leticia.

Estiveram em exposição algumas fotografias, documentos relacionados com a sua expulsão do ensino (que durou 8 anos) e a sua carreira de professora, dedicatórias de Mário Dionísio, livros escolares, edições e traduções por ela realizadas, e ainda um dossier com os recortes do Consultório Escolar.

Ficou a conhecer-se melhor esta pessoa especial e, através dela, o século XX português, nomeadamente aspectos por vezes esquecidos da opressão salazarista, do viver quotidiano e da luta das mulheres, no ensino e fora dele.

O arquivo pessoal de Maria Leticia encontra-se na Casa da Achada e merecia, merece, ser estudado. Esta sessão terá sido um incentivo.

12. LIVROS DAS NOSSAS VIDAS

Sempre partindo do depoimento de Mário Dionísio «Os livros da minha vida», fomos continuando a percorrer autores e livros: **Guerra e paz** de Tolstoi, com Manuela Torres (Outubro), **Pequeno-almoço** de John Steinbeck, com Cristina Almeida Ribeiro (Novembro), **Doutor Jivago** de Boris Pasternak, com João Rodrigues (Dezembro), **O Processo** de Kafka, com Pedro Rodrigues (Janeiro), **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto, com Maria Alzira Seixo (Fevereiro), **O vermelho e o negro** de Stendhal, com Saguenaíl (Março), **A casa grande de Romarigães** de Aquilino Ribeiro, com Cristina Almeida Ribeiro (Abril). Em Maio, Luis Miguel Cintra lerá excertos de **Os Lusíadas** de Camões; em Junho, Paula Mourão falará de **Só** de António Nobre; em Julho será a vez de **A Modificação** de Butor, com Eugénia Leal; em Agosto, **O Som e a Fúria** de Faulkner, com Maria João Brilhante.

13. ITINERÁRIOS

De dois em dois meses, mais ou menos, houve conversas com pessoas que têm itinerários pouco vulgares e que aceitam contar a sua história a quem aparece.

Em Outubro, foi **Filomena Marona Beja**, que contou como escolheu fazer estudos de biologia e como da biologia foi parar à função pública, passando a ser documentalista, o que é isso de investigar. E o que a fez começar a publicar romances e contos quando já tinha mais de 50 anos. O que é ser escritora e premiada. E o que é participar há mais de 10 anos na *Leitura Furiosa*, que se faz com «zangados com a leitura».



Em Janeiro, foi **Jacinto Rego de Almeida** que contou como foi desertar da guerra colonial em Moçambique, sendo oficial de carreira da Armada; o que foi ser exilado, antes do 25 de Abril, em Paris e no Brasil e ser, depois do 25 de Abril, Conselheiro Económico da Embaixada de Portugal no Brasil. E como se escolhe depois ser escritor, publicar livros e escrever sobre literatura, vivendo actualmente em Alcanhões.

Em Abril, a conversa será com **Jerónimo Franco**, metalúrgico da TAP, agora reformado, vivendo entre Lisboa e a aldeia natal, aquele

desconhecido que discursou no 1.º de Maio de 1974... «Que raio de governo era aquele que...»

14. AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO

Realizaram-se duas sessões de uma série trimestral que vai apresentando e/ou recordando os Amigos de Mário Dionísio, alguns indevidamente esquecidos.

Foi bem animada e variada a 5.ª sessão desta série, sobre **Manuel da Fonseca** (cujo centenário se comemorou em 2011) que teve lugar em 10 de Dezembro na Casa da Achada. A sessão contou com a colaboração da Casa do Alentejo e do irmão, **Artur da Fonseca**, e a presença de mais família, que veio da Lagoa de Santo André onde mora.

Abriu e (quase) fechou a sessão o **Grupo Coral da Liga dos Amigos das Minas de S. Domingos** que encantou o público e o bairro, uma vez que começou a cantar na rua. **Antonino Solmer, Diogo Dória, Fernanda Neves, Inês Nogueira, F. Pedro Oliveira** leram contos e poemas de Manuel da Fonseca. E **alunos do 1.º ano da Escola n.º 10 do Castelo** disseram, entusiasmados, o famoso poema «Mataram a tuna». Contaram histórias **Artur da Fonseca** e **Vitor Silva Tavares**. Projectaram-se imagens e sons de Manuel da Fonseca e ouviram-se canções com letras suas, enquanto se comia e bebia - pão, azeitonas e vinho do Alentejo. Houve uma pequena exposição de livros e documentos existentes no Centro de Documentação da Casa da Achada e outros facultados por Artur da Fonseca.

Organizada por António Pedro Pita, fundador da Casa da Achada, a sessão seguinte foi sobre **João José Cochofel**, poeta e ensaísta que frequentou as mesmas tertúlias de Mário Dionísio, que esteve do mesmo lado nas polémicas do neo-realismo nos anos 50, que colaborou nos mesmos projectos, como a *Vértice* e a *Gazeta Musical e de Todas as Artes*. **António Pedro Pita, Arquimedes da Silva Santos** e a filha de Cochofel, **Maria Eugénia**, fizeram intervenções. **Judite Cortesão** chamou a atenção para aspectos importantes da vida deste poeta, quando a conversa se generalizou. Os elementos do **Coro da Achada** presentes na sessão cantaram «Ronda», poema de Cochofel musicado por Fernando Lopes Graça e que faz parte de «Marchas, danças e canções».

Esteve patente uma pequena exposição de fotografias e livros de João José Cochofel que fazem parte do espólio de Mário Dionísio.



15. HISTÓRIAS DA HISTÓRIA

Uma nova série iniciada em Janeiro, que se realiza de dois em dois meses, por proposta de Sebastião Lima Rego, colaborador da Casa da Achada: alguém pega numa efeméride importante desse mês e trata-a com o que sabe ou com o que vai aprender para que outros fiquem a saber.



Como funciona a nossa BIBLIOTECA PÚBLICA

A Biblioteca da Achada funciona durante o horário de abertura da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio.

Na Mezanine 1 estão os livros de literatura – poesia, contos, romances, peças de teatro – e sobre literatura.

Na Mezanine 2 estão os livros sobre arte, artes plásticas, teatro, cinema, música, arquitectura, filosofia, política, história, ciência. Por baixo da Mezanine 1 estão livros para a infância e juventude.

Pode levar livros para casa qualquer pessoa, desde que já seja ou se faça Amigo da Casa da Achada ou frequente instituições ou escolas que têm participado nos Grupos de Leitura ou na Leitura Furiosa.

Para levar livros para casa, basta preencher uma ficha de inscrição, obtendo assim um Cartão de Leitor.

O Leitor poderá levar até 3 livros de cada vez.

O Leitor fica responsável por devolver os livros requisitados num prazo de 15 dias, no mesmo estado em que eles lhe foram emprestados.

Alguns livros não podem sair da Biblioteca por estarem incluídos numa secção de «Reservados».

As publicações periódicas ainda não estão todas catalogadas, mas podem ser consultadas na Biblioteca.



Mais do que nunca, agora, «em tempos de crise», chamamos a atenção para os «Amigos da Casa da Achada», criados em Janeiro de 2010. «Amigo» qualquer um pode ser. Contribui com uma pequena quota simbólica e usufrui de descontos nas edições da Casa da Achada e nos seguintes espaços culturais: Castelo de São Jorge, Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Fado, Museu da Marioneta, Padrão dos Descobrimentos, Teatro o Bando, Teatro Municipal Maria Matos, Teatro da Trindade. Foi o que até ao momento se conseguiu.

São até agora cerca de 250, contando com os sócios fundadores da Associação Casa da Achada-Centro Mário Dionísio que pagam quota.

Na última reunião anual dos «Amigos», em Janeiro, manifestaram-se inquietações e nasceram ideias – outra importante forma de contribuição – e fizeram-se grupos de gente preocupada com a (pouca) divulgação da Casa da Achada e com a (pouca) utilização da Biblioteca Pública. E por isso mais alguns começaram a trabalhar.

Em Janeiro, foi a **ascensão de Hitler ao poder** em 1933 e foi Sebastião Lima Rego que falou. Em Março, foi a **Comuna de Paris** de 1871 que Maria Emília Diniz explicou – com projecção de imagens.

Em Maio, será Mário de Oliveira, o Padre Mário de Macieira de Lixa, que virá falar das «**aparições**» de Fátima de 1917.

16. FIM-DE-SEMANA DIFERENTE

Pela terceira vez, realizou-se, em Dezembro de 2011, um **FIM DE SEMANA DIFERENTE**. Diferente porque são três dias do ano em que comprar e vender é importante, ao contrário do que costuma acontecer na Casa da Achada. Para angariarmos fundos e podermos continuar a fazer o que fazemos sem grandes sobressaltos. Estiveram à venda desenhos e cartoons, pinturas e gravuras, fotografias, material de papelaria e cadernos que já não se encontram, livros novos e usados, alguns raros ou difíceis de encontrar. Com preços abaixo dos normais do mercado.

Tratou-se sobretudo de ver o que nem sempre se vê, de conviver com quem nem sempre se faz, de ouvir o que nem sempre se ouve, de falar com quem nem sempre se está, de comprar (barato) o que nem sempre se encontra. E de petiscar também.

E houve a ante-estreia do vídeo de André Spencer, **ENTRE SONS, PALAVRAS E CORES**, sobre Mário Dionísio e a Casa da Achada. E canções cantadas pelo Coro da Achada. E uma visita guiada à Exposição, e uma oficina em que de sacos de plástico se fizeram tapetes. Diferente, pois. Uma vez por ano.

17. FORA DE PORTAS

Também vamos andando por aí, saindo da toca, o que é bom. Mas dá trabalho. Quase sempre com o Coro da Achada. O que nos leva por vezes a fechar as portas durante umas horas: pela Escola Secundária de Camões, em Outubro; por Alhos Vedros, em Dezembro e outra vez em Abril continuando por Maio; pela Biblioteca Municipal de Coimbra em Fevereiro e Março; pela Livraria Sá da Costa em Março (Conversa sobre Mário Dionísio e a Casa da Achada, leitura de poemas de Mário Dionísio, canções pelo Coro da Achada); pela Escola Secundária José Gomes Ferreira, também em Março; e logo a seguir por Píadena (Itália). (Ver Exposição Mário Dionísio - Vida e Obra, Coro da Achada, Ali cabe o mundo inteiro).

18. CEDÊNCIA DO ESPAÇO

Para um colóquio, organizado pelo Beco /EXIT!, sobre o tema **O valor é o homem – Teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos**, a partir dum texto de Roswitha Scholz. (Out. 2011). Para uma exposição-venda de desenhos de **Ángelo de Sousa**, organizada pela Cooperativa Gesto (Porto), com projecção do filme **ÁNGELO DE SOUSA TUDO O QUE SOU CAPAZ** de Jorge Silva Melo, com a presença do Autor (Out. 2011). Para a apresentação, por proposta do autor do texto, do livro **O CARACOL**, escrito por **Renato Roque** e ilustrado por **Sérgio Ribeiro**, com a presença dos autores, apresentado por **Eduarda Dionísio** e com a leitura dum diálogo entre o caracol e um leitor do livro feita por **Daniela Gama** e **Youri Paiva** (Nov. 2011). Para a apresentação, organizada pela Zeugma

Edições, do livro **NA ESCADA DE FERRO** de Paulo Madeira Rodrigues (Nov. 2011). Para a apresentação, organizada pela autora, do livro de poemas **A MINHA LUA** de Maria Teresa Oliveira (Jan. 2012). Para várias sessões do encontro **Ó Prima! - Encontro de Teatro do Oprimido e Activismo**, organizado por várias associações e grupos, (16 – 21 Fev. 2012). Para a apresentação dos documentários que resultaram do projecto basco Identibuzz: **ZUMBIDOS DA MOURARIA e ZUMBIDOS DA MOURARIA e SAN FRANCISCO**, feitos com imagens gravadas pelos participantes no Workshop da Mouraria e de San Francisco (Bairro de Bilbao). Presentes muitos dos participantes e habitantes do bairro (25 Fev. 12). Para o lançamento/debate organizado pela UNIPOP de **O PASSADO, MODO DE USAR** de Enzo Traverso, que contou com a participação do autor, Elisa Silva e Manuel Deniz Silva (25 Fev. 12).

20. COLABORAÇÕES E PARCERIAS

Depois dos protocolos de colaboração com a **Associação Cardan** (Amiens-França), a **Associação Alagares** (Sintra), o **Centro Nacional de Cultura** (Lisboa), a **CACAV** (Círculo de Animação Cultural de Alhos Vedros), assinámos protocolos com a **AJA** (Associação José Afonso) e a **Escola Secundária de Camões**.

Aderimos à iniciativa da AJA-Norte «Maiores que o pensamento» (homenagem a Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira) e à defesa da Escola da Fontinha, ameaçada de despejo.

21. APOIOS RECEBIDOS E PEDIDOS DE APOIO

Com ou sem crise, é sempre tão difícil! E gasta-se tanto tempo! Tanta conta, tanto justificativo, tanto relatório!... E a incerteza vai crescendo...

Até ao momento, do Programa «Política de Cidades - Parcerias para regeneração urbana», mais conhecido por QREN- Mouraria (protocolo assinado em Agosto de que previa 47,5% de 108 mil € para a Casa da Achada até finais de 2011, contra facturas, é claro...), ainda só chegaram 1200 €, tendo nós entregue facturas no valor de mais de 20 mil €. Claro que temos dificuldades nestes «negócios» até porque a Casa da Achada não é uma empresa, mas uma associação sem fins lucrativos onde as «contabilidades» são outras... Ainda assim...

Continuamos sem receber 8000 € dos 20 mil concedidos, em Setembro passado, para o ano de 2011, pela CML (Cultura), a que concorremos em Julho de 2010, e continuamos sem saber se será atendido o pedido para 2012, apresentado, conforme as regras, em Julho de 2011...

O apoio da Gulbenkian para promoção da leitura em bibliotecas públicas terminará em Maio e em Maio sairá o resultado de outro concurso, este de apoio a pequenas bibliotecas públicas (máximo de 5 mil € para dois anos).

Terminou o apoio no âmbito do programa BIP-ZIP (Bairros/ Zonas de Intervenção Prioritária) da vereação da habitação da CML, em que fomos parceiros da Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço. Saberemos em Maio se o pedido para 2012 será concedido... E a ver vamos...

Uma biblioteca ao virar da esquina

... ..

... ..

*Criado: põe esta gente na rua!
E abre um buraco no tecto
Que eu quero ver a lua.*

- Um buraco no tecto? O que é isso, dona Lina?!

- Uns versos que eu vou ler à hora do almoço, dona Teresa.

- À hora do almoço?... A quem?

- Aos nossos fregueses, enquanto estiverem a comer.

- Mas... um buraco no tecto, dona Lina?

- É poesia, dona Teresa!

- Já sei..

Vinha nos papelinhos que aparecem nas caixas do correio da Mouraria. Diziam que há uma Biblioteca logo ali, ao virar. Na Casa da Achada.

- Mas o que é uma biblioteca?

- São livros, dona Teresa! E toda a gente pode lá ir, para os ler.

Coisas misteriosas, os livros.

Sabe-se, há muitos anos, que uma magia os possui. Encanto. E podem causar danos às criaturas.

O dano de sonhar.

De saber.

Às vezes, os livros cheiram a pó. Estão guardados em salas fechadas, e em estantes tão altas que ninguém chega aos das últimas prateleiras.

- Mas nesta biblioteca, que também é nossa, todos chegam aos livros!

- Pode-se levar para casa?...

- Claro!

Ajustando-se que serão tratados com cuidado, e trazidos de volta quando estiverem lidos.

E para quem vê mal, haverá sempre alguém que ajude a ler. Que venha ler em voz alta.

- Quem são eles, os que vêm ler em voz alta?

- Parece que são escritores...

- Escritores?!

- Diz que sim... que são.

- E a Casa da Achada enche-se para os ouvir...

Para conversar com eles.

- Gente aqui do Recolhimento...

- Dos Centros de Dia da Misericórdia... São Cristóvão e São Lourenço. Sé.

- Também vêm miúdos...

- ... da Escola do Castelo.

Há livros para todas as idades.

- Posso levar um para o meu irmão?

- Para a minha mãe?...



Vieira da Silva, A biblioteca de Sophia, 1953

- Lá em casa, é o meu avô quem mais gosta de ler!

E o *Amor de Perdição* lá vai, no mesmo saco do *Gato das Botas*.

- Onde está o *Pinóquio*?

- E a história do sapo a quem uma menina deu um beijo?...

- Uma história de faz de conta.

- Pois.

Mas toda a gente sabe que nos livros para as crianças também há coisas verdadeiras.

- Num, que se chama enciclopédia, vem que...

Que as rãs põem ovos dentro de água. Bolinhas muito pequenas, de que saem uma espécie de peixinhos.

- Chamam-lhes...

- Girinos! E nadam, dando ao rabo.

- E depois...

- Depois, tornam-se noutras rãs!

- Não é, Professora?

No que haveriam eles de se tornar se não em rãs?!

Afinal a história da menina que, com um beijo, transforma o sapo num príncipe é só faz de conta.

- Ficção! Não é, professora?

- Ficção? Mas o que é isso, dona Lina?!

- Uma coisa que não é bem verdade... mas, às vezes, dona Teresa, até parece.

Voltaremos brevemente.

Filomena Marona Beja



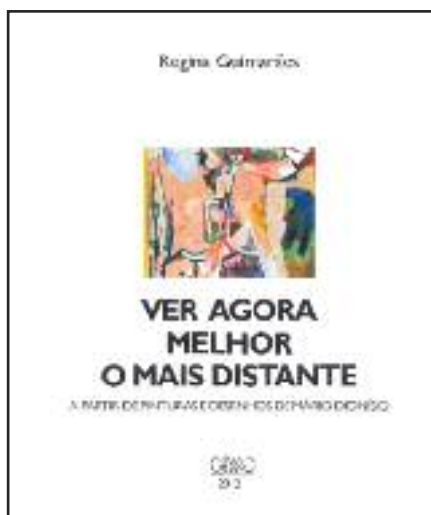
A EDIÇÃO QUE AÍ VEM

É com particular prazer e – porque não dizê-lo? – também com uma pontinha de orgulho que damos a público este n.º 6 da Colecção Mário Dionísio. De facto, estamos perante um trabalho que contribui poderosamente – ousamos afirmá-lo – para uma mais sensível e mais íntima compreensão da obra plástica de Mário Dionísio.

Os cerca de 140 textos que Regina Guimarães elaborou a partir – ou sob influência – de um número ainda maior de obras do pintor, incidindo sobretudo naquelas de pendor mais assumidamente abstracto, e que a nossa edição reproduz, constituem exemplo de como se pode mergulhar em matéria à primeira vista tão complexa de uma forma que alia a reflexão crítica (despida, para mais, dos narizes de cera de um recorrente criticismo académico) àquele pendor encantatório a que não é alheia a natureza visceralmente poética de Regina Guimarães – com provas dadas.

Raramente como neste caso pintura e literatura se «casaram» com tão conseguida harmonia: se as pinturas de M. D. iluminam os apetece-dizer poemas, naquele seu fluxo eminentemente lírico, de R. G., estes por sua vez permitem um olhar iluminado sobre aqueles.

Numa breve introdução ao corpo central do livro, a Autora relata-nos as circunstâncias que desde a «descoberta»



Folha de rosto

do ensaísta de A PALETA E O MUNDO a levaram ao encontro imediato de primeiro grau com a obra do pintor propriamente dito, isto a partir da tela «Sem Título n.º 17», contacto que se prolongou depois pelos quadros amontoados num cubículo anexo à varanda da casa da Av. Elias Garcia, residência do Pintor.

Palavras dela: «Saí dali com o coração aos pulos.» E prossegue: «Ora eu entrevira, com escassa luz e em estreito espaço, o acervo da caverna de Ali-Babá. E senti-me catapultada para um tempo remoto em que a pintura, sobretudo a pintura abstracta, me constituiu como pessoa.»

Segue-se o relato do que levou Regina Guimarães à «ousadia entusiasta» de escrever os textos:

«Pedi à Eduarda que me enviasse, via mail,

as imagens digitalizadas que o seu colossal trabalho de localização e recolha de dados lhe permitira reunir em documentos prévios à fundação do Centro Mário Dionísio-Casa da Achada. Pedido a que logo ela acedeu. E desatei a escrever uns imprudentes e vertiginosos textinhos, a partir da incompletude das impressões e da infidelidade das reproduções. Na verdade, tem tudo a ver com tudo, até com os meus primeiros devaneios infantis, estimulados pelos livros de pintura que folheava vezes sem conta: eram florestas que continham fundos marinhos que continham cidades que continham vísceras que continham mapas, que continham transbordante, infinita e descontinuamente.

Eis o rasto da minha ousadia entusiasta. Serve-me de atenuante a grande mágoa de não ter podido apertar a mão do homem-mocho que pintou estas telas livres, de não ter podido conversar com a estatura da sua exigência, de não ter podido sentir-me trespassada pelo seu rigor acutilante.»

Na sequência, só nos resta saudar a tal «ousadia» sem a qual os «imprudentes e vertiginosos textinhos» não veriam a luz do dia, para nosso gozo e proveito.

Aquando do seu lançamento, a obra será acompanhada por uma exposição dos quadros que se encontram na Casa da Achada e que inspiraram a primeira trintena de textos do livro. A exposição será inaugurada a 1 de Junho.



Rua da Achada 11, 1100-004 Lisboa. Tel. 218877090. casadaachada@centromariodionisio.org
www.centromariodionisio.org

ficha4

Fabrica caseiro. 25 Abril 2012

APOIOS: C.M.L., PROGRAMA BIP-ZIP DA C.M.L., FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN.
PARCERIAS COM QREN-MOURARIA E ASSOCIAÇÃO CARDAN.



Paula Ribeiro Lobo

Mário Dionísio e o desenho como processo revelador

CONHECER para compreender, compreender para dar a conhecer e para se conhecer. Assim se poderia resumir a atitude de Mário Dionísio perante a vida, que radica, simultaneamente, num permanente questionamento e na sistematização do olhar.

Essa necessidade que tinha de «ver claro» - não só o mundo como o Eu - é a constante que atravessa as suas obras literárias e poéticas, os seus ensaios, críticas, livros e teorizações sobre arte, textos de intervenção cívica e política, mas também a sua actividade como pedagogo e conferencista, e, naturalmente, a sua obra plástica e gráfica. Da multiplicidade de meios que Mário Dionísio utilizou para comunicar, talvez o desenho seja aquele em que, porventura, se tornará mais perceptível a elaboração dessa constante, razão pela qual ele terá de ser analisado no conjunto de toda a produção desta figura maior do século XX português.

Sendo um meio primordial de comunicação simbólica, o desenho funciona e age como instrumento de conceptualização paralelo ao próprio uso da linguagem. Nessa medida, é um campo privilegiado para acedermos às interrogações de Mário Dionísio, para percebermos as variáveis que ia introduzindo na reflexão e acompanharmos tanto o seu raciocínio estético como o seu posicionamento ético.

Sabemos que encarava o exercício da arte como um impulso transformador, progressista, fundado na crença de edificação de um homem novo. Essa era a utopia, enraizada no marxismo dialéctico, que defendeu e tentou pôr em prática. Per-

tenceu à chamada «geração de ruptura», ideologicamente *engagé*, que em finais dos anos 30 deu corpo ao movimento neo-realista. Gente unida pelo combate à ditadura de Salazar e à «política do espírito» promovida por António Ferro a partir do Secretariado de Propaganda Nacional. Mas gente que não se revia também no modernismo subjectivista agregado em torno da revista *Presença*, e que acusava a arte pela arte de «decadentismo burguês». Em comum, tinham acima de tudo a ânsia de intervir socialmente.

Pela literatura, como é conhecido, começaram os neo-realistas esse combate. E da literatura se passou à pintura, à gravura e ao desenho, num quadro de referências estéticas que se foi formando e ampliando, essencialmente, com base nas reproduções de obras de arte publicadas em livros, catálogos e periódicos.

Em tempo de guerra e de censura a dificultar o contacto de Portugal com o exterior, o realismo socialista dificilmente podia ter, como se compreende, lugar nessas páginas. Os seus ecos chegariam por outras vias: pela arte dos muralistas mexicanos e do brasileiro Cândido Portinari, pelas obras de alguns pintores da Escola de Paris, como Grommaire, Léger ou Tszlitzky, e pelo Picasso militante que denunciara em *Guernica* os horrores da Guerra Civil espanhola.

Neo-realista «desde a hora antes do amanhecer» – como fazia questão de afirmar –, Mário Dionísio foi, é claro, profundamente marcado por todas estas influências.

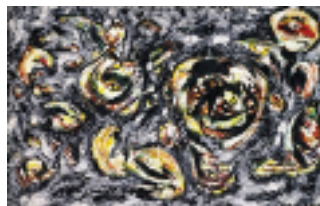
Mas quando no início dos anos 40 descobriu a paixão de pintar e se lançou à descoberta desse registo que lhe permitia «falar sem palavras», rapidamente percebeu que não lhe bastava a vontade. Era preciso mergulhar no estudo da arte e da sua história, conhecer os materiais e as técnicas. De pesquisa em pesquisa, de experiência em experiência, o autodidacta que teve em Van Gogh e Goya os seus primeiros «mestres» procurou compreender Cézanne, Matisse, o cubismo, o expressionismo e a Nova Objectividade alemães, a



Portinari



Goya



Pollock: expressionismo abstracto

pintura metafísica de De Chirico, o surrealismo, o abstracionismo... enfim, toda a arte, da antiga à moderna, que lhe era possível alcançar.

A tal necessidade de «ver claro» levou-o a procurar horizontes pictóricos e teóricos mais vastos. O que acabaria por fazê-lo divergir da doutrina da linha ortodoxa do movimento neo-realista, e o levou a afastar-se das suas Exposições Gerais de Artes Plásticas – as mesmas que ajudou a fundar e organizar em 1946, e em que activamente participou como artista de 1947 a 1953.



Não nos deteremos aqui sobre a célebre polémica interna do movimento em torno da questão forma-conteúdo. Pela simples razão de que, para Mário Dionísio, essa distinção não fazia qualquer sentido. Tal como entendia não fazer sentido a distinção entre artistas revolucionários ou conservadores: havia, apenas, *artistas* que nas obras exprimiam as suas convicções. Do ponto de vista estético, o que estava em causa era o próprio conceito de realismo.

Num texto que publicou em 1951 na revista *Vértice*, com o título «A força e a forma», escreveu: «O naturalista, que nos últimos 30 anos se viu um pouco diminuído pela incapacidade de captar, para além da cópia, o sentido do real, é realista; o cubista, que levou o amor da análise do objecto à sua recriação geométrica em todos os ângulos possíveis e simultâneos, é realista; o surrealista, já que a única realidade, segundo pensa, é aquela que em nós mesmos se manifesta, é realista. É que pintura mais realista que a abstracta poderemos conceber, se é ela a que por excelência se submete à realidade da cor e da forma em si mesmo consideradas?»

Do mesmo texto, um outro excerto poderá esclarecer melhor o que advogava:

«O realismo que se aproxima não está neste tipo de desenho, naquele conceito de cor, na pintura a duas ou a três dimensões, no quadro de cavalete ou na pintura mural. É no próprio conceito de vida que o artista grava na tela que o realismo existe, ou não. [...] deve-se conhecer a vida com a

intenção de representá-la, não escolasticamente, não como “natureza-morta”, não simplesmente como “realidade objectiva”, mas no seu desenvolvimento real e recriador. O caminho para o novo realismo está aí.»

No cerne desta definição de realismo está a própria problemática da mediação estética na representação do real. Uma questão que, sublinhe-se, perpassa por toda a produção de Mário Dionísio, mas que teve aprofundamento teórico no importante ensaio *A Paleta e o Mundo* – escrito após a ruptura com o PCP e com as Exposições Gerais, será o texto onde mais demoradamente se espelha a coerência da sua visão pessoal e heterodoxa.

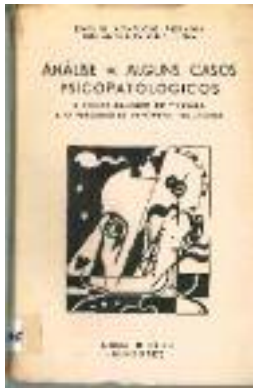
Feita esta breve introdução, talvez se torne um pouco mais claro o sentido dos desenhos apresentados na exposição «Sonhar com as mãos». Pois neles de revela um percurso marcado por aproximações, distanciamentos e experimentações, e a procura de um traço *próprio* que, de alguma forma, lograsse traduzir visualmente a utopia.

Se o desenho é uma arte difícil, sem rede, onde todas as dúvidas e hesitações ficam indelevelmente inscritas, por outro lado é também um extraordinário campo de ensaio acessível e universal, íntimo, livre, lúdico, que possibilita a decantação do real ou do imaginado por intermédio de pontos, linhas, planos e manchas. Pela sua natureza, e pelo que implica ao nível da organização da superfície, o desenho constitui-se, assim, como terreno propício ao confronto do artista com os problemas particulares da pintura.

É certo que foi pela pintura que Mário Dionísio chegou ao desenho. É que sempre o encarou não como forma de expressão autónoma, mas como um meio de chegar à pintura. Consequentemente, por considerá-lo um exercício, assim o manteve, quase em privado, durante toda a sua vida. Só em quatro ocasiões expôs desenhos. Era a pintura que lhe interessava, sempre a pintura, e costumava até citar André Lhote dizendo que «desenhar é preparar de antemão o lugar para a cor».



André Lhote



Capa de livro, 1944



Capataz, 1945

Mas foi justamente dessa relação complementar, e muitas vezes tensa, entre a sua pintura e o desenho, que resultaram obras que ultrapassam em muito a mera classificação de esboço ou estudo. É o caso, por exemplo, da ilustração criada em 1944 para a capa de um livro de psiquiatria (com notórias influências das vanguardas russas), mas também de «Capataz» e «Évora» (ambos datados de 1945, a fase gráfica mais assumidamente política), dos retratos de Maria Leticia feitos em 1946 e 1948, ou de *Rapariga do Cais* (trabalho que em 1949 obteve a 3.^a medalha de desenho no Salão de Inverno da SNBA).

Pelo desenho – considerado não apenas como mimese mas como *experiência* de algo, como expressão de um pensamento que está além da mera percepção visual –, nos é possível acompanhar a progressiva sistematização do olhar de Mário Dionísio, o treino para superar a falta de formação em belas-artes, a exploração de possibilidades expressivas para o neo-realismo e a sua preocupação em encontrar uma lógica nas variáveis que vão tecendo o real.

O desenho é pois, ele próprio, uma experiência transformadora. É paralelamente prática de reflexão e prática reflexiva, na medida em que põe em relação percepção e pensamento. O desenho tem, por conseguinte, características performativas e especulativas, e foi justamente esse carácter operativo que levou filósofos como Platão, Kant, Damiens ou Derrida a debruçarem-se sobre esta arte tão antiga quanto a humanidade.

De um ponto de vista fenomenológico, só nos é possível aceder à aparência das coisas, sendo a partir dessa apreensão do mundo que o representamos. Num desenho, a perspectiva usada, o enquadramento, o sentido de composição, a escala em relação à folha, a seleção dos materiais riscadores ou a textura do papel são opções tão determinantes na obra quanto o registo formal eleito para a expressão dessa interpretação representada.

Mário Dionísio não só utilizou suportes de carac-

terísticas e dimensões variadas, diferentes materiais e técnicas diversas, como recorreu a distintas opções formais para traduzir pelo desenho as suas reflexões sobre o real, a arte e a sociedade. E através dessas pesquisas foi apurando a mão: em exteriores e interiores, em paisagens, cenas de trabalho e retratos, mas também em auto-retratos – as representações onde, afinal, um artista se condensa por inteiro, linha a linha, para melhor se conhecer.

Pelos seus desenhos se acompanha a transformação dos rostos em máscaras, o espessamento das sombras nos trabalhos mais políticos, o progressivo domínio da linha fluida em figuras femininas ou no estudo para o mural do Café La Gare, mas também a libertação quase automática naquelas «minúsculas obras» – como lhes chamava – que prenunciavam já as telas abstractas dos anos 70 e 80.

Não obstante ter assumido uma «quase indiferença» pelo desenho¹ nos últimos anos de vida, a sua obra gráfica patenteia os contextos de criação e os efeitos que nele produziram certos artistas. Há mãos e pés desmesurados e maciços que evocam os carregadores de café de Portinari. Há reminiscências das paisagens camponesas esquematzadas por Van Gogh, do grotesco agigantado de Goya, do tom caricatural de Grosz, da figuração alongada dos expressionistas, dos elementos industriais em planos decompostos que trazem à memória os construtivistas. E ainda arquiteturas de De Chirico, cabelos de ondulações legerianas, geometrizações e estilhaçamentos cubistas, suaves contornos inspirados em Matisse e Picasso dos anos 40 e 50 ou espacializações que remetem já para a abstracção lírica de Bonnard, Bissière e Vieira da Silva.

Como notou Derrida, o traço permite «ver entre as linhas»². E em Mário Dionísio tais reminiscências são, evidentemente, fruto de uma continuada experimentação e consequência da atenta observação de obras de arte – quer em reproduções impressas quer, mais tarde, ao vivo, nas exposições



De Chirico



Desenho de M. D., s. d.

e nos *ateliers* de artistas que visitou, designadamente em Paris. Mas são igualmente fruto do seu gosto pelo contacto directo com a realidade, exterior ou interior, e da sua interpretação do que escolheu representar.

Repare-se, por exemplo, nos serradores de Mesines, nas varinas e pescadores da Ribeira do Tejo – para onde ia desenhar com Alves Redol e Pomar – ou nos operários e camponeses dos desenhos dos anos 40. Mas vejam-se também os retratos de meninos e de Maria Leticia ou a pomba esboçada talvez na década seguinte. A pomba, que Picasso e Aragon transformaram em símbolo da luta pela paz, e que Mário Dionísio apontou como exemplo de arte revolucionária, num artigo escrito já depois do 25 de Abril a propósito da velha e paradoxal questão da arte *de* e *para* o povo. O mesmo artigo onde sustentou que «não só o que mais agita realmente transforma». Porque «ética não é estética» e «são muito longos os caminhos que as fazem coincidir»³.



... a pomba esboçada



Paul Klee

Paul Klee afirmava que «a arte não reproduz o visível; torna-o visível»⁴. O traço é já um índice desse processo de revelação que nasce do movimento. Entre a tridimensionalidade e o plano da folha de papel, a mão torna-se um instrumento cuja fisicalidade o desenho obriga a controlar. Acrescentar, rasurar, definir cheios e vazios, determinar o valor da linha e da massa, conferir profundidade ao ponto, trabalhar a proporção e o ritmo são, evidentemente, factores equacionados em cada acto de inscrição. Numa teia de equilíbrios que se complexifica ainda mais com a introdução da cor, dado o estatuto independente que esta adquire, sobretudo, no desenho abstracto.

Influenciado pela concepção lhotiana do desenho como preparação do lugar para a cor, Mário Dionísio sentia dificuldade em desembaraçar-se dele quando a mão, contrariando a vontade de partir para as telas abstractas com grandes manchas de tinta, lhe fugia para o traço colorido.

Nesta relação tumultuosa que se foi gerando – entre o desenho pensado para servir a pintura e a

pintura que evolui pelo que através do desenho se pensa –, se poderá talvez encontrar a explicação para o facto de ter dedicado escassas palavras à sua prática do desenho. Resumem-se, quase, aos versos que reuniu no livro *Memória dum Pintor Desconhecido*⁵ e, naturalmente, aos desabafos vertidos para os diários, que permaneceram inéditos até à recente publicação de alguns excertos, a pretexto da exposição «Sonhar com as mãos».

Com uma bibliografia repleta de ensaios e textos sobre arte, de entrevistas, críticas e prefácios de catálogos, Mário Dionísio escreveu, sim, sobre o desenho de outros artistas. Quer estrangeiros – muitos dos quais homenageou também através das reproduções incluídas em *A Paleta e o Mundo* – quer portugueses.

Entre os seus contemporâneos, Júlio Pomar foi o que mais atentamente acompanhou. Ainda na década de 40, antes de nele reconhecer um «grande pintor»⁶, enalteceu Mário Dionísio o desenhador com «mão prodigiosa, que sempre soube gravar com precisão e leveza, expandir-se no arabesco, interromper-se no momento exactamente necessário»⁷. Pomar, acrescentaria depois, era um «descobridor de formas e de ritmos», em cujos desenhos coexistiam «a delicadeza e a força, o peso e a graça, o amor e a ira»⁸.

De outro companheiro do movimento neo-realista, Manuel Ribeiro de Pavia, agradava-lhe o «estilo próprio»⁹ dos camponeses que recriou em ilustrações para livros.

Já sobre os surrealistas portugueses, que num primeiro momento também se apresentaram nas Exposições Gerais, diria:

«A luta entre neo-realismo e surrealismo foi em parte um equívoco a que o nosso gueto forçosamente nos levou. [Em França], muitos surrealistas, a começar por Aragon e Éluard, se tornaram comunistas e deram então à sua obra um cunho directamente social e político. Aqui, pelo contrário, foram os neo-realistas, não muitos na verdade, que se tornaram surrealistas e se afastaram



Júlio Pomar



Manuel Ribeiro de Pavia

duma frente de combate que não lhes oferecia o espírito de renovação estética a que aspiravam.»

Valerá ainda a pena recordar o que escreveu acerca dos desenhos de Júlio, complementares à sua poesia. Segundo Mário Dionísio, não se tratava de ilustrações mas de um outro tipo de «palavras» que não figuram nos dicionários, feitas de «finíssimos traços coleantes, pinceladas falsamente canhestras, ingenuidades de arranjo, espaços brancos [...] que se encham de luminosidade e significação»¹⁰.

Sobre Almada, muito pouco se pronunciou - por razões que talvez se infiram. Mas levou Portinari a ver os seus murais nas gares marítimas e transparece do traço de ambos que partilhavam, pelo menos, uma mesma referência: Picasso, a quem Mário Dionísio chamou «esse mestre do desenhos-antes-e-atraves-de-tudo»¹¹.



Júlio Resende

O «virtuosismo» de Júlio Resende no desenho impressionou-o também, considerando até que era o ponto onde mais longe de si mesmo o pintor se aventurava entre a «poderosa atração do abstracto» e a «poderosa atracção da figura»¹².

Mário Dionísio sentiria igualmente esse apelo do abstracto, não o entendendo nunca como algo desligado da realidade. Lembre-se o que escreveu sobre Maria Helena Vieira da Silva, pintora que não hesitou em classificar como «realista»¹³, pela emoção fixada nos seus quadros e pela expressividade dos motivos sugeridos sem desenho explícito.

A realidade, tal como Mário Dionísio a definiu recorrendo às palavras de Gromaire, «é qualquer coisa que, sem dúvida nenhuma, se observa, se regista e se interpreta, mas que, acima de tudo, se transforma». Pelo que, independentemente dos objectos, personagens ou ideias que represente, seja pela figuração ou pela abstracção, a arte, dizia, é sempre uma «invenção do concreto».

Homem do século XX, contemporâneo de tantas lutas ideológicas e sociais, de tantas conquistas e inovações técnicas, de tantas mudanças que ine-

vitavelmente teriam reflexo no curso da arte, Mário Dionísio não deixou de o plasmar nos seus desenhos. Ainda que os destruísse ou os relegasse para as gavetas de um armário.

A linha de um desenho, como defendeu Kandinsky, é um «conceito temporal»¹⁴. Dado que carrega em si a própria noção de tempo – o tempo histórico do que se vê, o tempo dedicado à representação do que escolhe dar a ver, e o tempo das relações simbólicas que se estabelecem com o pensamento. Antes e depois da criação da obra.

Mário Dionísio tê-lo-á compreendido bem. Porque, em última análise, o que os seus desenhos revelam é o desejo de captar, na bidimensionalidade de um suporte, uma perspectiva multidimensional do mundo no seu tempo.



Vassily Kandinsky

¹ Sobre este assunto, ver por exemplo: TRACEY, *Drawing Now: Between the Lines of Contemporary Art*, London: I.B. Tauris, 2007
Mário Dionísio, «A Força e a Forma. A propósito dos Encontros de Paris», *Vértice*, vol. XI, n.º 93, Coimbra, Maio 1951, p. 238.

² Diário de Mário Dionísio, 21/2/1983, Arquivo da Casa da Achada.

³ *Apud* TRACEY, ob. cit., p. xvii.

⁴ Mário Dionísio, «Ir ao povo», *O Jornal*, n.º 10, 4-10/7/1975.

⁵ *Apud* Catherine de ZEGHER, «A Century under the sign of line», in *On Line: Drawing Through the Twentieth Century* (cat.), New York: MoMA, 2010, p. 38.

⁶ Livro de poesia editado em 1965.

⁷ Mário Dionísio, «Todo o Pomar», *Diário de Lisboa*, 25/7/1978.

⁸ Mário Dionísio, «Reencontro com Pomar», *Diário de Lisboa*, 2/3/1967.

⁹ Mário Dionísio, in *Pomar-XVI Desenhos* (cat.), 1948.

¹⁰ Mário Dionísio, «Manuel Ribeiro de Pavia», in *Diálogo*, suplemento literário do *Diário Ilustrado*, 6/4/1957.

¹¹ Mario Dionísio, *Autobiografia*, Lisboa: O Jornal 1987, p.28.

¹² Mário Dionísio, «Poesia de Júlio», in 30 *Desenhos de Júlio* (cat.), Galeria de Exposições do Diário de Notícias, 1964.

¹³ Mário Dionísio, «Todo o Pomar», *Diário de Lisboa*, 25/7/1978.

¹⁴ Mário Dionísio, in *Resende: Obras de 1932 a 1971* (cat.), CM Aveiro/Clube dos Galitos de Aveiro, 1971, p. 5.

¹⁵ Mário Dionísio, «Visita a Vieira da Silva», *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.º 82, Janeiro 1958.

¹⁶ Mário Dionísio, «Os Escritores e a Realidade», *Jornal do Comércio*, 7/9/1945. Coligido em *Mário Dionísio: Entre palavras e cores*, Lisboa: Livros Côtovia/Casa da Achada-CMD, 2009, p.40.

¹⁷ *Apud* Catherine de ZEGHER, «A Century under the sign of line», in *On Line: Drawing Through the Twentieth Century* (cat.), New York: MoMA, 2010, p.40.

*ficha*4

Este texto, separata da Ficha 4, foi lido pela Autora
na Casa da Achada - Centro Mário Dionísio, no dia 31 de Março de 2012